

## EXERCÍCIOS DE HISTÓRIA ORAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

*Maria Ednéia Martins Salandim*  
UNESP-Bauru/SP  
edsalandim@fc.unesp.br

*Fábio Donizeti de Oliveira*  
UNESP-Bauru/SP  
fabio\_d\_oliveira@ig.com.br

*Déa Nunes Fernandes*  
IFMA-São Luís/MA  
dea.fernandes@ifma.edu.br

*Fernando Guedes Cury*  
UFRN-Natal/RN  
matfernando@yahoo.com.br

### **Resumo:**

Este minicurso tem como foco a questão da análise em pesquisas, no campo da Educação Matemática, que utilizam a História Oral como metodologia. Nele pretendemos abordar questões que envolvem este processo inerente ao ato de pesquisar. Para tanto, propomos uma discussão teórica sobre a análise e sobre possibilidades para a análise de fontes orais. Tal discussão permitirá, numa abordagem prática, uma aproximação a alguns tipos de análise efetivados em trabalhos de pesquisadores do “Grupo História Oral e Educação Matemática”- GHOEM. Desta forma, pensamos ser possível evidenciar dificultadores para o desenvolvimento de diferentes abordagens às fontes orais bem como suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Educação Matemática; História Oral; Fontes; Análise.

### **1. Introdução**

A História Oral tem sido utilizada em pesquisas no campo da Educação Matemática, em particular pelo GHOEM<sup>1</sup> - Grupo História Oral e Educação Matemática - como uma metodologia de pesquisa. Com esta metodologia, que consiste, basicamente<sup>2</sup>, na produção de narrativas a partir de entrevistas de pessoas que vivenciaram determinados

<sup>1</sup> Mais informações sobre este grupo e suas produções podem ser obtidas em [www.ghoem.com](http://www.ghoem.com).

<sup>2</sup> Restringir a História Oral à criação de fontes orais é uma liberdade que aqui assumimos por não pretendemos, neste minicurso, focar os pressupostos e procedimentos que, no nosso modo de entender, balizam pesquisas em História Oral. Ainda que esses temas naturalmente possam vir a ser abordados, a questão central que permeará nossas discussões estará direcionada aos processos de análise dessas narrativas.

acontecimentos, nós, como integrantes do GHOEM, temos constituído fontes que nos auxiliam na compreensão de diferentes aspectos da educação brasileira.

Na História Oral que vem sendo utilizada pelo GHOEM, têm sido propostos e efetivados diferentes modos de conduzir investigações. Ainda que a História Oral sempre conserve, independentemente dos trabalhos nos quais ela é utilizada e dos temas neles focados, algumas características semelhantes, se comparados os modos como ela é mobilizada em diversos campos do conhecimento, ao aliar-se às novas abordagens que surgem nas trajetórias de investigações do grupo ela vai sendo modificada por um modo específico de pensar e de fazer pesquisa. Esse modo particular de conduzir a pesquisa expressa as aspirações desse grupo e, em seu agir, vai constituindo essa metodologia própria, de modo cada vez mais pleno, ao mesmo tempo em que se realizam pesquisas específicas. É a esse modo de fazer pesquisa vinculando procedimentos, práticas e fundamentações que temos chamado de metodologia - sempre um exercício, um fazer em percurso, e não apenas procedimentos mecanicamente implementados. Os referenciais que amparam a opção pelos procedimentos, o acesso inicial ao campo que a pesquisa pretende explorar e as análises, não se apartam: completam-se e potencializam-se.

Nossos protocolos de pesquisa compartilhados por nosso grupo de pesquisa, o GHOEM<sup>3</sup>, não eliminam nossas responsabilidades quanto às interpretações que fazemos a partir das ideias que percebemos quando as narrativas são disparadas. Eles envolvem explicar tão claramente quanto possível nossos interesses de pesquisa, como ocorrem os trâmites após a entrevista, com a conferência das textualizações por parte do entrevistado e a assinatura de carta de cessão de direitos sobre a gravação e a textualização, com ou sem restrições de uso.

## **2. Sobre narrativas e análises**

As narrativas são, segundo Bolivar (2002), estruturações das experiências como relatos, e tanto expressam diferentes dimensões da experiência vivida quanto medeiam a experiência e configuram a construção social da realidade. Para o autor, a narrativa deve ser resgatada como importante elemento para se compreender o universo da Educação, posto que a atividade educativa é uma ação que ocorre intencionalmente em uma situação, tempo e espaço específicos e, por isso, a análise dos relatos de professores, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Sobre estes protocolos, ver Garnica (2009).

pode auxiliar na compreensão e expressão do ensino e suas cercanias. São essas as cercanias nas quais nossas propostas de pesquisas inscrevem-se.

Toda fonte guarda em si características da subjetividade de quem a constituiu, mas a constituição das fontes pelos parâmetros da História Oral permite que o pesquisador participe de modo vital desse registro da subjetividade, que compartilhe com os interlocutores as condições da produção dos registros e, por isso, possa explicitar, aos seus possíveis leitores, as negociações, idas e vindas, circunstâncias, familiaridades e afastamentos desse momento de captar e prender, pela escrita, aspectos de sua subjetividade que o narrador julgou adequado compartilhar.

E o que nos trazem as narrativas? Elas não são testemunhos no sentido daquilo que se viu ou presenciou (do fato “tal como aconteceu”), mas um registro daquilo que se percebe, no presente, de algo que se vivenciou. Diante disso, é necessário aceitar teoricamente que um fato é aquilo que dele percebe-se. Uma preocupação daqueles que não dão credibilidade à memória ou desconfiam dela, tendo-a por algo lacunar, insatisfatório, deficiente face à magistralidade e à perenidade dos registros fixados em suportes rígidos como o papel e a pedra, é demarcá-la como fantasiosa, sonhadora, inventiva além dos limites desejáveis. Dessa posição decorre a desconfiança em relação às narrativas e a exclusão dessas narrativas dos domínios da historiografia julgada séria e legítima. Com veemência, alguns desprezam o que, em História Oral, concebemos como fonte legítima: os registros de memória feitos a partir de relatos orais. Isso, entretanto, não significa que a mera coleção de entrevistas constitui, em si, uma operação analítica em sua integralidade. Os registros de memória disparam este processo de análise que para se constituir plenamente como tal, exige, como temos defendido - mas não unanimemente em nosso grupo de pesquisa - o cotejamento dessas fontes com outras, de diversas naturezas, e requer um suporte narrativo próprio.

Ainda que muitos entrevistados tenham, várias vezes, adotado uma postura analítica em suas narrativas, não visamos nem tão pouco sugerimos que eles assim o fizessem, embora o entrevistador não possa nem deva impedi-los de assim proceder. No entanto, as análises críticas dos depoentes, quando feitas, não devem ser tomadas como análises do pesquisador e, do mesmo modo, o pesquisador não deve render-se ao fascínio pela memória relatada, eximindo-se de questioná-la - é função do pesquisador conduzir a análise a partir dos relatos.

### 3. Sobre os exercícios analíticos de narrativas de História Oral

Embora a metodologia de pesquisa História Oral possa ser utilizada em pesquisas cujo teor não é o historiográfico, não é nossa intenção, neste texto, enfatizar seus outros usos. Projetos historiográficos, quando desenvolvidos segundo as tramas da História Oral, permitem, ao mesmo tempo, o deslanchar de dois vieses em uma mesma pesquisa em uma mesma operação historiográfica. Por um lado, é possível evidenciar, de uma maneira mais memorialística, singularidades das vidas e experiências narradas. Por outro, de uma maneira mais propriamente historiográfica, são evidenciados elementos que possibilitam gerar novas narrativas. Deve-se ressaltar, entretanto, que segundo nossas concepções, uma operação historiográfica deve, necessariamente, ser pensada nessa dupla perspectiva, e todos os nossos esforços de pesquisa têm se voltado a esse propósito.

Uma discussão bem estruturada de como nosso Grupo tem tratado a questão da análise das entrevistas em suas pesquisas foi realizada por Souza (2006), em sua dissertação de mestrado. A autora indica três posições entre os membros do GHOM: aqueles que dizem terem feito análise utilizando a noção de tendências, localizando temáticas apontadas pelo estudo de convergências e/ou divergências nas falas de seus entrevistados; os que afirmam terem feito análise utilizando a noção de tendências históricas, comparando os depoimentos por ele coletados, ou estes com a literatura sobre uma época anterior, apontando temáticas que se apresentam em mudança, permanência ou permanência em direção a uma mudança iminente; e os que não realizaram análise, seja por não se perceberem em condições de fazê-la acreditando que histórias de vida não devem ser analisadas, seja por crerem que as “*respostas*” já estariam nas textualizações e não haveria a necessidade de ampliar a carga subjetiva presente nesses textos ou ainda, por opção metodológica, uma vez que a trama elaborada na tese deveria, por si, conduzir o leitor a algumas reflexões. Souza (2006) relaciona a análise à noção de *forma*, argumentando que a forma de estruturação, de organização de uma pesquisa evidencia o processo investigativo e a postura do pesquisador (refletida, também, em suas análises) na condução desse processo.

Estes exercícios analíticos e suas relações com a forma de apresentação de uma pesquisa destacados por Souza (2006) podem ser observados em produções ainda mais recentes do GHOM. Destacamos, neste minicurso, quatro propostas de análise de pesquisadores do grupo.

Assumindo a perspectiva que Bolívar (2002) denomina "análise narrativa de narrativas"<sup>4</sup>, Cury (2011), apresentou em sua pesquisa uma narrativa – uma dentre tantas possíveis – sobre a constituição de cursos de formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado do Tocantins, explicitando compreensões obtidas a partir dos discursos, dos dados, das circunstâncias, de como as histórias de diferentes pessoas, registradas em seus relatos, auxiliaram o pesquisador a compreender um cenário específico. A aposta foi na narração de uma trama temporal que tentou ressignificar os dados e enfatizar seu caráter único, fugindo de uma generalização. A tentativa de Cury foi a de buscar nos relatos, textos, documentos e em sua própria vivência pontos de convergência e de divergência, o que era recorrente e o que era singular, para compor uma narrativa que deve ser entendida como cerne da investida. E todo o caminhar do trabalho – desde o projeto, passando pelo levantamento de dados, o estudo de documentos e referências bibliográficas, a criação e o estudo das fontes constituídas a partir das entrevistas, os debates com o orientador e com o grupo de pesquisa, a avaliação dos membros da banca de qualificação – alicerçou a construção de sua interpretação sobre a institucionalização da formação de professores de matemática no Tocantins. Esta narrativa, adverte o autor, é uma recriação, uma interpretação, tecida a partir de depoimentos e de vários outros documentos coletados durante nossa investigação. Ela não deve ser entendida como um resumo, mas como já foi dito, uma ressignificação de histórias ouvidas, lidas, observadas, vividas durante a pesquisa.

Com a intenção de ressaltar a dialogicidade que caracteriza todo processo investigativo, a redação do trabalho de Fernandes (2011) aposta no estilo epistolar e se constitui, portanto, como uma sequência de cartas trocadas entre a autora e um personagem fictício. O estilo epistolar coloca-se como uma possibilidade de configuração de uma investigação narrativa em que a autora faz uma análise narrativa. Por tratar-se de um

---

<sup>4</sup> Uma análise paradigmática de dados narrativos, de acordo com Bolívar (2002) consiste em um estudo de narrativas categorizando-as para se chegar a generalizações do grupo estudado buscando, em suas narrativas, temas comuns. Já no caso de uma análise narrativa (de narrativas) a ênfase está na consideração de casos particulares e o produto desta análise aparece como uma nova narrativa, a explicitação de uma trama ou de argumentos que tornem os dados significativos, no destaque do que é singular e que, em suma, não aspira à generalização. O papel do investigador neste tipo de análise é configurar os elementos dos dados em uma história que os unifica e dá significado a eles com a intenção de mostrar o modo autêntico da vida individual sem manipular ou distorcer a voz de cada narrador a favor de uma versão pré-estabelecida. A trama pode estar construída de forma temporal ou temática, mas o importante é que possibilite a compreensão do por que algo aconteceu. Na análise narrativa de narrativas, o pesquisador desempenha o papel de constituir significados às experiências dos narradores mediante a busca de elementos unificadores e de alteridade, supondo que, mediante esse procedimento, estaria desvelando o modo autêntico da vida individual.

*gênero fluido e diverso em seus limites, a carta é sempre um território aberto* à espera de uma nova leitura, de um novo encontro simbólico entre pessoas. Apoiada em Garnica (2008), Fernandes percebe que essa característica da carta favorece a implantação de uma análise que seja, em essência, rizomática. Nesta perspectiva, cada fio do rizoma, permite diferentes compreensões, cada trama permite novas justaposições que não necessariamente impliquem algum florescimento definitivo<sup>5</sup>. Desse modo, no território aberto das cartas, no trabalho de Fernandes, a análise não tem um ponto específico: cada uma das cartas que compõe a cartografia de interlocuções traz interpretações – alinhavadas a partir de *regularidades*, singularidades, discordâncias; contradições e tensões de memórias e experiências – e, assim, aos poucos, foi se constituindo uma escrita fragmentada carregada de compreensões possíveis; um texto em que, pedaço a pedaço, ideias, palavras e teorias foram se misturando às histórias contadas e às experiências vividas pela autora e seus interlocutores. Conscientemente, foi-se estruturando um texto “fragmentado” que traz, em síntese, um registro histórico possível da trajetória da formação de professores de Matemática no estado do Maranhão - num período que tem como marco inicial a implantação, na década de 1960, do primeiro curso de Licenciatura Plena em Matemática naquele estado.

Na tentativa de captar aspectos do movimento de expansão de cursos de Licenciatura em Matemática pelo interior paulista nos anos 1960, em universos diferenciados (cada curso, cada cenário, cada ator, um conjunto de cursos, um panorama, uma equipe diferenciada de atores), tanto a partir de cada curso quanto num cenário mais geral (geográfico, político e temporal), Martins-Salandim (2012) efetiva uma análise em duas frentes: tece compreensões ora a partir de singularidades ora de convergências. Na primeira, analisou separadamente cada uma das narrativas que constituiu a partir das entrevistas, buscando detectar peculiaridades, percepções de como cada narrativa apresentava-se, de qual perspectiva falava cada depoente, qual seu fio condutor, suas marcas e informações particulares sobre um curso de Matemática específico. Essa primeira fase da análise constituiu um trabalho de natureza mais memorialística, dado dirigir-se mais diretamente às subjetividades dos depoentes e às particularidades de seus depoimentos. Em uma segunda frente de análise, a partir de diferentes percepções que teve

---

<sup>5</sup> “Conceber a análise como rizomática é aceitar a possibilidade de seguir todas as possibilidades de interpretações que cada um dos fios do rizoma permite entrever. É assim que num mesmo cenário surgem os aspectos sociológicos, antropológicos, culturais, literários, pictóricos; surgem monstros, mitos, doenças, autores consagrados e desconhecidos, crimes e castigos, metáforas, ansiedades, angústias, referências sagradas e profanas...” (GARNICA, 2008, p.111).

com o primeiro exercício, estruturou uma nova análise a partir do cotejamento entre as diferentes narrativas, visando a detectar convergências e divergências significativas entre elas, com a intenção de configurar o movimento de expansão dos cursos de Licenciatura em um horizonte mais amplo e propriamente historiográfico. Assim, as narrativas coletadas permitiram que, a partir delas, outra narrativa fosse constituída, uma interlocução entre memórias e outros resíduos filtrados pelo tempo, em cuja elaboração opera o passado vivido pelo sujeito e o presente no qual se situam depoente e pesquisador.

Outra proposta metodológica que vem sendo estudada pelo GHOEM são as possibilidades e implicações de análise de grande quantidade de depoimentos. Esta possibilidade visa à releitura de textualizações como forma de produzirem outros conhecimentos, de responderem a outras questões que não necessariamente aquelas para as quais foram produzidas. Para tanto, vem sendo desenvolvido um aplicativo, o Hemera<sup>6</sup>, que procura, a partir do cadastro das textualizações de entrevistas produzidas por alguns membros do GHOEM, ressaltar, pela leitura das textualizações para a catalogação de categorias, parágrafos desses textos que atendam a filtros estabelecidos pelos usuários em busca de determinado tema. Evidenciados os parágrafos em relatório, eles podem ser recolocados em suas respectivas textualizações, vinculadas aos trabalhos para os quais foram produzidas, facilitando a busca de compreensões que levem em consideração os contextos de produção daquelas narrativas. O Hemera, assim, funciona como uma ferramenta de sistematização e busca, parte de um processo de análise, de constituição de compreensões, que ressalta a responsabilidade do pesquisador, desde a catalogação de textualizações e categorias, até a produção de narrativas.

#### **4. Considerações Finais**

Nossas propostas de análises, geradas num processo interpretativo, estão visceralmente vinculadas às nossas intenções, às nossas possibilidades, ao nosso modo de perceber o mundo. Agir eticamente, portanto, não implica poder negligenciar ou ingenuamente desconhecer a relação de poder que toma corpo na produção e interpretação de dados. Agir eticamente implica, sim, que estas relações de poder são costuradas pelo diálogo – e, portanto, pela negociação de significados – que ocorre principalmente no grupo de pesquisa e com um coletivo de interlocutores – no qual se destacam os

---

<sup>6</sup> O Hemera é um sistema criado como parte do trabalho de doutorado de Fábio Donizeti de Oliveira, ainda em desenvolvimento.

entrevistados – que estabelecemos em nossa trajetória de investigação. As análises perpassam, assim, toda a constituição de um fazer, que pode ser localizado temporalmente entre a elaboração de uma proposta de pesquisa e o estabelecimento de sua forma final, mas, no limite, coincide com o viver do pesquisador.

## 5. Referências

BOLIVAR, A. “*¿De nobis ipsis silemus?*”: *Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación*. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 4(1), 2002. Disponível em: <<http://redie.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>>. Acesso em: 20 de mar. 2013.

CURY, F. G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese de Doutorado em Educação Matemática – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Rio Claro, 2011, 389f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. 213p

\_\_\_\_\_. Dez anos de História Oral em Educação Matemática: configurando (possíveis) estabilidades. In: *Anais do VIII SNHM (Conferências, Mesas Redondas e Exposições)*. Belém-PA: SBHMat/UNAMA, 2009. v. 01. p. 129-146.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 387. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões**. 348 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.